



Por este rio acima

A arte
pré e proto-histórica
do Vale do Côa

ESTUDOS EM HOMENAGEM
A ANTÓNIO FERNANDO BARBOSA

Por este rio acima

**A arte
pré e proto-histórica
do Vale do Côa**

ESTUDOS EM HOMENAGEM
A ANTÓNIO FERNANDO BARBOSA

Índice

- Introdução** 7
Aida Carvalho
- Um artista do Côa** 9
João Zilhão
- Ver nem sempre é olhar. Relatos recentes de Pré-Histórias antigas pelo Rio Côa** 13
Thierry Aubry, Patrícia Ramos
- A arte paleolítica do Vale do Côa no seu contexto sociocultural** 55
André Tomás Santos
- Entre o Côa e o Douro, nos longos milénios do pós-glaciar: quadro de referência da arte rupestre da Pré-história Recente da região do Côa** 117
Mário Reis, Lara Bacelar Alves
- Primeiro inventário figurativo da arte rupestre da Idade do Ferro entre o Côa e o Douro** 181
Luís Luís
- Aos ombros do último artista do Côa: Um olhar prospectivo sobre a investigação arqueológica nos vales do Côa, Águeda e Ribeira de Aguiar** 267
Miguel Almeida, Sílvia Aires, Nuno Ramos, André Ferreira, André Santos, Thierry Aubry, Luís Luís, Marcelo Silvestre



Fotografia de Teresa Fonseca

**Ver nem
sempre é
olhar. Relatos
recentes de
Pré-Histórias
antigas pelo
Rio Côa**

*Thierry Aubry^a
Patrícia Ramos^b*

a) Côa Parque, Fundação para a Salvaguarda e Valorização do Vale do Côa. UNIARQ — Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

b) Bolseira de Mestrado em Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no âmbito do projeto CLIMATE@COA-COA/CAC/0031/2019 - Clima e adaptação humana durante o último período glacial na região do vale do Côa (Portugal).

A descoberta da arte do Vale do Côa no contexto da construção de uma barragem hidroelétrica, somente 10 anos depois da publicação das gravuras ao ar livre de Mazouco como sendo paleolíticas, lançou um debate de fundo na sociedade portuguesa acerca do valor económico do património cultural e das estratégias nacionais e internacionais de desenvolvimento territoriais. Desde a decisão da sua conservação *in situ* e de parar o projeto de construção da barragem em 1996, a confirmação do valor patrimonial excepcional destas gravuras paleolíticas ao ar livre, distribuídas numa área de centenas de quilómetros quadrados, mudou a nossa conceção da arte paleolítica, que, até à data, era considerada como uma arte das cavernas. Trinta anos mais tarde, podemos perguntar-nos como esta mudança de paradigma passou no grande público?

No momento da descoberta da arte do Côa, a antiguidade das gravuras fundamentava-se na sua semelhança estilística com as representações conservadas em grutas que, no início dos anos 1990, começavam a fornecer as primeiras datações pelo carbono 14, quando foi possível datar a partir de uma pequena quantidade do carvão utilizado para as desenhar. No contexto da polémica “batalha do Côa”, a ausência de sítios arqueológicos que poderiam ser contemporâneos da arte, foi avançada como um argumento contra a validade da datação estilística e a favor de uma possível perduração local do estilo paleolítico, no Vale do Côa. Todavia, as prospeções realizadas em 1995, sob a direção de João Zilhão, revelaram que existiam sítios que poderiam ser contemporâneos da arte gravada no Vale do Côa, refutando o argumento da ausência de povoamento e confirmando que é preciso procurar para encontrar.

Alguns dos protagonistas iniciais desta saga escolheram ficar em Vila Nova de Foz Côa, defendendo o projeto do Parque arqueológico do Côa criado em 1996 e do Museu, em 2010, demonstrando que a decisão tomada pelo XIIIº Governo de Portugal era corajosa, também a mais acertada. António Fernando Barbosa teve um papel fundamental e participativo ao longo de toda esta história, a mais recente do Côa, reconhecendo de imediato o estilo paleolítico das suas representações, realizando a quase integralidade da sua documentação gráfica e interpretando, pela via dos decalques diretos e da prática da arqueologia experimental, os grafismos.

Como contributo neste volume de homenagem ao António Fernando Barbosa, escolhemos relatar 19 crónicas, um pouco menos de um décimo das 100 histórias de peças escolhidas no British Museum (Mac Gregor, 2012), baseadas em lugares que foram objeto de trabalhos arqueológicos, momentos dos trabalhos de campo ou objetos encontrados durante as prospeções e escavações desenvolvidas no Parque Arqueológico do Vale do Côa ao longo dos últimos 30 anos, com o intuito de relembrar o papel que teve cada um, ao longo de um percurso que mudou progressivamente a nossa visão das sociedades paleolíticas que marcaram os seus territórios e, algumas vezes, os monumentalizaram.

GREGOR, Neil Mac (2012) – *A history of the world in 100 objects. The British Museum and BBC, London: Penguin Books.*

1. A descoberta

Para o grande público, a questão da autoria de uma descoberta arqueológica é recorrente. A autoria do achado é do pastor que indica a existência de fragmentos de cerâmicas, ou um monumento megalítico que viu ou que mostra uma pintura ou gravura ao arqueólogo que anda em prospeção, do estudante que descobre e reconhece o valor excepcional de um objeto durante a escavação ou do investigador que realiza um estudo num laboratório e estabelece a importância de um vestígio arqueológico anos depois de ser exumado?

A descoberta da arte paleolítica do Côa, algumas vezes relatada como sendo mais tardia, acontece numa fase inicial das obras de construção do projeto de barragem do Baixo Côa. Esta fotografia, foi tirada no dia 20 de novembro de 1991, por alguém que pertencia à equipa liderada por Nelson Rebanda, o arqueólogo que descobriu o cavalo gravado de Mazouco em 1977 e que acompanhava o início da construção da barragem, e testemunha o momento da descoberta da rocha nº1. Este painel vertical plano, quadro natural, é a porção exposta de uma diáclase resultante das deformações e fracturações que afetaram uma rocha formada no mar. Ainda rodeada de vegetação, utilizada para exibir uma placa que indica uma reserva de caça, a sua superfície plana e vertical apresenta uma densa sobreposição de gravuras de animais representados de perfil; auroques (antepassado hoje desaparecido dos nossos grandes bovinos), cavalos e cabra selvagem. Um dos cavalos foi representado com a cabeça em duas posições sugerindo movimento. Este primeiro achado, cerca de 40 quilómetros dos primeiros indícios detetados perto da aldeia de Mazouco, vinha confirmar a existência de outras gravuras de estilo Paleolítico no Alto Douro e denunciava, desde logo, a importância do sítio, que será confirmada



Fig. 1: Rocha 1, Canada do Inferno. Arquivo Plano Arqueológico do Côa.

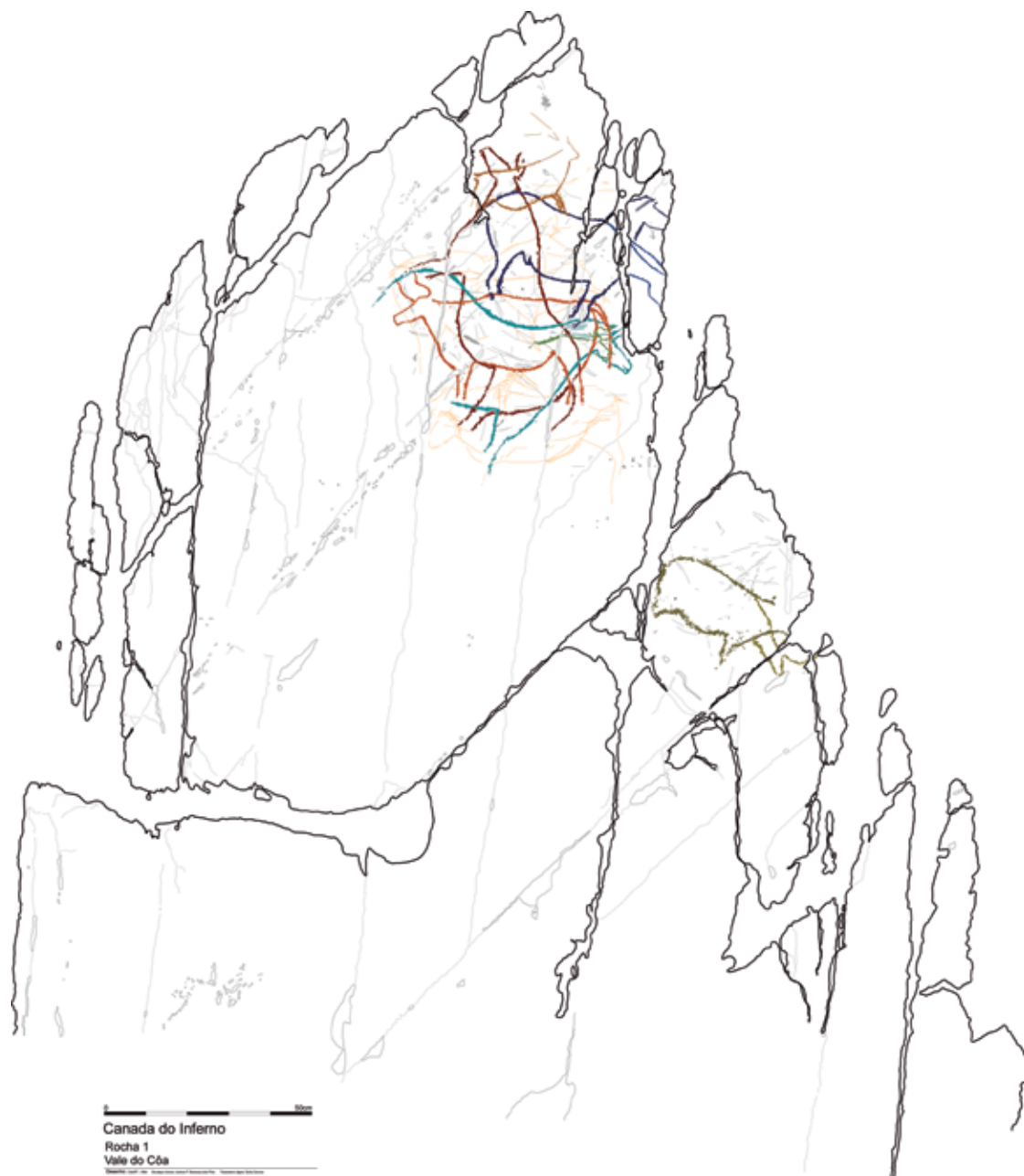


Fig. 2: Rocha 1, Canada do Inferno. Arquivo Plano Arqueológico do Côa.

pela descoberta de outras rochas no verão de 1993, as quais representam as diferentes fases do ciclo da arte paleolítica do Vale do Côa.

BAPTISTA, António Martinho (2009) - *O paradigma perdido: o Vale do Côa e a arte paleolítica de ar livre em Portugal*. Porto: Edição afrontamento.

REBANDA, Nelson (1995) - *Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre do Côa*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.

ZILHÃO, João, Coord. de (1997) - *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa*. Trabalhos de 1995-1996, Lisboa: Ministério da Cultura.

SANTOS, André Tomás (2017) - *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Tese de Doutoramento, policopiada).

2. Ainda por descobrir?

Outra questão recorrente nas visitas ao Museu ou aos sítios de gravuras, é “ainda há muito para descobrir?”. Atualmente, a maioria das 41 rochas gravadas da Canada do Inferno está submersa devido à represa da barragem do Pocinho, que entrou em serviço em 1983 e inundou os últimos 7 km do leito na bacia do Côa. Em 1995, foi efetuada a remoção da lama em frente das rochas 22 e 33, que se tinha acumulado, entretanto, e realizadas sondagens defronte das rochas 11, 12, 20 e 24, enquanto os painéis gravados da área submersa foram objeto de decalques diretos, publicados no Relatório de 1997. Esta fotografia, tirada durante o abaixamento da albufeira do Pocinho, mostra a concentração de painéis no limite da planície aluvial e o impacto da erosão na parte submersa. Os trabalhos de sondagem só removeram a lama depositada desde a construção da barragem do Pocinho e não atingiram as camadas mais antigas suscetíveis de conservar vestígios de ocupações coevas das gravuras.

Na sequência das escavações em frente às rochas 1 e 9 do sítio do Fariseu, que vamos apresentar num capítulo seguinte, constatou-se que a configuração geomorfológica da área de concentração de gravuras neste espaço aberto, que permite a passagem entre as duas margens, e a posição topográfica das gravuras das diferentes fases, sugerem que a Canada do Inferno apresenta condições para a preservação de vestígios de depósitos contemporâneos da realização da arte nas áreas mais protegidas da erosão fluvial. Todavia, a verificação desta hipótese só será possível com a realização de sondagens durante um novo abaixamento da água, e suficientemente prolongado, da cota da barragem do Pocinho.



Fig. 3: Afloramentos rochosos da porção do sítio da Canada do Inferno que está submersa pela albufeira da barragem do Pocinho. Foto de Fernando Barbosa.

AUBRY, Thierry; SANTOS, André Tomás; LUÍS, Luís; BARBOSA, António Fernando; SILVESTRE Marcelo (2020) - Fluvial dynamics and palaeolithic settlement: new data from the Côa Valley (Portugal), In Rodríguez-Álvarez, Xosé-Pedro; Lombera-Hermida, Arturo; Fábregas-Valcarce, Ramón; Otte, Marcel (eds.), Palaeolithic of Northwest Iberia and beyond: multidisciplinary approaches to the analysis of Late Quaternary hunter-gatherer societies. *Comptes Rendus Palevol*. 19:7, pp. 117-135.

3. Todos os caminhos vão dar à Cardina – Salto do Boi

Localizado a cerca de 12 km a montante do sítio de gravuras da Canada do Inferno e a 3 da Penascosa, perto dos granitos que caracterizam grande parte da bacia do Rio Côa, o sítio da Cardina - Salto do Boi foi o primeiro sítio de ocupação do Paleolítico Superior a ser descoberto na região. Com base na análise do mapa topográfico, este



Fig. 4: Sítio de ocupação do Paleolítico Superior de Cardina - Salto do Boi visto de montante. Foto de José Paulo Ruas.

sítio foi considerado de prospeção prioritária, em função do potencial que apresentava de conservação de vestígios deste período. Alguns vestígios de pedra lascada, atribuíveis ao fim do Paleolítico Superior, foram encontrados em agosto de 1995, na superfície dos terrenos lavrados, no primeiro dia de prospeção, realizada sob a direção de João Zilhão. O nome Salto do Boi deriva da existência de um filão de riólito transversal ao Rio Côa, resultante de uma fratura de origem tectónica, que desviou o curso do Rio e originou a formação de um meandro e de uma vasta plataforma topográfica. Esta porção do Rio é também conhecida como Poço do Fumo, devido a uma queda de água a montante do meandro. A ponte natural, formada pelo filão, corresponde ao lugar mais estreito entre as duas margens do baixo Côa e o meandro oferece um espaço aplanado,

protegido e favorável à implantação humana, sobretudo, durante o contexto mais frio da última era glacial, pela proximidade dos recursos associados ao fundo do vale (peixes, vegetação arbórea, água, ...). Após um percurso rodeado de falésias abruptas, nos granitos da Faia, poucos quilómetros a montante do sítio, depois de entrar nas rochas metamórficas, as vertentes do vale apresentam uma topografia mais suave. Nesta porção do Vale do Côa, o filão de riólito situa-se, também, junto à foz de uma linha de água que constituía um caminho natural entre os planaltos graníticos das duas margens e que pode explicar a escolha deste sítio para ocupação pelos caçadores-recolectores.

AUBRY, Thierry. (2009) - *200 séculos da história do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana do caçadores-artistas do Paleolítico*. Trabalhos de Arqueologia. 52, 511 p.

ZILHÃO, João; AUBRY, Thierry, FAUSTINO DE CARVALHO, António; ZAMBUJO, Gertrudes, ALMEIDA, Francisco (1995) - O sítio arqueológico paleolítico do Salto do boi (Cardina, Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa): In JORGE, Vítor Oliveira(coord.), Actas do Iº Congresso de Arqueologia Peninsular: *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 35:4, pp. 472-497.

4. Continuidade da presença humana e primeiras datações

Entre 1995 e 2001, foram realizadas várias campanhas de escavação sob a responsabilidade da equipa do Parque Arqueológico do Vale do Côa, em colaboração com o *Departament de Prehistòria, Història Antigua i Arqueologia* da Universidade de Barcelona, a partir de 1999, no âmbito de um projeto dirigido pelos Doutores J. M. Fullola e J. Mangado Llach. Os trabalhos concentraram-se numa área de 12 metros quadrados, reduzida relativamente à extensão total da parte aplanada do sítio, confirmando a existência, na camada 4, de uma densidade excepcional de vestígios líticos (mais de 100 000 restos de pedra lascada), característicos de várias fases do Paleolítico Superior e de uma acumulação de elementos pétreos, na base. O estudo da distribuição espacial das várias categorias de vestígios, da proveniência geológica das rochas utilizadas e a reconstituição das atividades realizadas, sugeriu que se tratava da parte basal de uma estrutura de habitat (cabana constituída por elementos vegetais ou animais que não se conservaram), com uma fogueira central, utilizando uma depressão natural ou escavada pelos ocupantes do sítio.

Algumas peças de morfologia e técnica de confeção características atestavam que o sítio foi ocupado posteriormente, até aos 12 000 anos. A descoberta de peças que podem ser atribuídas ao Solutrense (25 000 - 23 000 anos) indica que o sítio foi ocupado antes e depois deste período do Paleolítico Superior. As sondagens evidenciam vestígios cerâmicos que atestam ocupações desta plataforma durante a Pré-história recente até ao século passado, as mais recentes ligadas à moagem de cereais, com a construção e utilização de moinhos que aproveitavam a água do Rio Côa durante o inverno.

As datas obtidas por luminescência com base em seixos de quartzito aquecidos, os quais pertenciam à acumulação pétreo da base da camada 4, de 27 000-29 000 anos, foram apresentadas em 1998 por Norbert Mercier durante um congresso internacional organizado em Vila Nova de Foz Côa pelo Instituto Português de Arqueologia, em colaboração com a comissão 8 da *Union Internationale des Sciences Préhistoriques et Protohistoriques*, e publicadas em 2001. Estas datas são as primeiras obtidas em vestígios de ocupação que confirmam a presença humana do interior da Península Ibérica durante



Fig. 5: Vestígios de pedra lascada que aparecem durante a crivagem de um balde de sedimento escavado. Foto de José Paulo Ruas.

várias fases do Paleolítico Superior, hipótese avançada em 1996, com base nas características técnicas dos utensílios de pedra lascada e do estilo das gravuras.

AUBRY, Thierry; BARBOSA, António Fernando; LUÍS, Luís; SANTOS, André Tomás; SILVESTRE, Marcelo (2016) - E depois do Paleolítico, o que fizeram ali? Notícia sobre as ocupações holocénicas do sítio da Cardina (Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa). *Côavisão*. 18, pp. 61-82.



Fig. 6: Raspadeira em sílex característica do período Gravettense, 27 000 anos. Foto de José Paulo Ruas.

Fig. 7: Ponta em forma de folha de loureiro característica do Solutrense, 24 000 anos. Foto de Fernando Barbosa.

VALLADAS, Hélène; MERCIER, Norbert; FROGET, Laurence; JORON, Jean-Louis; REYSS, Jean-Louis; AUBRY, Thierry (2001) - TL dating of upper Palaeolithic sites in the Coa Valley (Portugal). *Quaternary Science Reviews*. 20: 5-9, pp. 939-943.

5. Escondido por baixo dos nossos pés: Quinta da Barca Sul

Ainda que as prospeções de superfície de 1996 não tivessem evidenciado nenhum vestígio arqueológico, facto que pode ser explicado pela espessura dos depósitos sobrejacentes à primeira camada arqueológica e à fraca profundidade das lavras, as quais não afetaram a preservação do sítio, baseados na sua configuração e nos resultados da escavação obtidos na Quinta da Barca, realizámos sondagens em 1997, seguidas de escavações até 2001.

Nesta pequena plataforma, localizada umas centenas de metros a montante da concentração de gravuras da Quinta da Barca, revelou-se a existência de vestígios de uma ocupação do período azilense (cerca de 12 000 anos antes do presente), do fim da última era glacial. Os resultados positivos destas sondagens alertaram para a necessidade da sua realização com o propósito de avaliar o potencial de outros sítios que se apresentassem em contextos geomorfológicos semelhantes, no fundo do vale do Côa.

Durante a campanha de 2000, fruto da colaboração entre o Parque Arqueológico do Vale do Côa e o *Institut de Préhistoire de l'Université de Neuchatel* (Suíça), sob a responsabilidade do Doutor François-Xavier Chauvière, foi encontrado um seixo de xisto com incisões paralelas nas duas faces. Trata-se do terceiro exemplar de arte móvel descoberto no vale do Côa, os dois primeiros tinham sido descobertos no ano anterior, na sondagem realizada frente à rocha 1 do Fariseu, achados que serão relatados a seguir.

Em 2017, Mário Reis descobriu duas rochas gravadas com figuras picotadas, umas centenas de metros a baixo da área escavada, no limite da planície aluvial regularmente inundada, onde a equipa almoçava durante as campanhas de escavação... Esta descoberta, 20 anos depois das primeiras sondagens, confirma, mais uma vez, que só encontramos o que estamos à procura e chama a



Fig. 8: Secção que mostra as várias camadas escavadas no sítio de Quinta da Barca Sul. Foto de Thierry Aubry.

atenção para a necessidade de regressar aos sítios com olhares renovados. O estilo tem semelhanças com as figuras da arte móvel e algumas picotadas atribuídas ao Azilense. Em 2021, foram obtidas mais duas datas pelo método da luminescência para a camada mais antiga do sítio, que indicam uma ocupação de há cerca de 14 000-15 000 anos, com possíveis relações com algumas das gravuras dos painéis descobertos em 2017, nos sítios da Penascosa e Quinta da Barca.

AUBRY, Thierry (2009) - Actualisation des données sur les vestiges d'art paléolithique sur support mobilier de la Vallée du Côa, In AUBRY, Thierry, ed. - *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa, IGESPAR, I. P. *Trabalhos de Arqueologia*. 52, pp. 382-395.

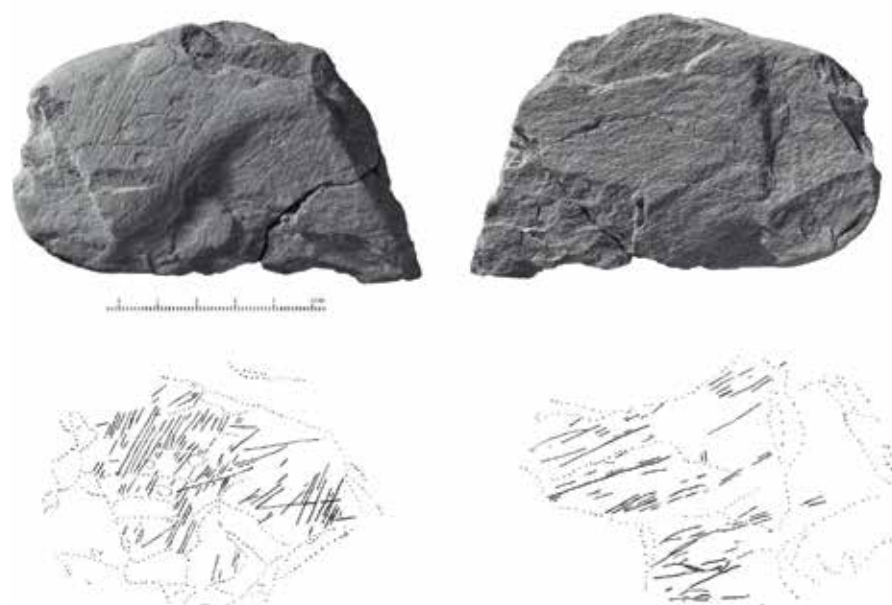


Fig. 9: Seixo de xisto gravado com incisões paralelas. Fotos de José Paulo Ruas. Decalques de Marcos García Díez.



Fig. 10: Painel gravados localizado perto da área escavada entre 1997 e 2001, descoberto por Mário Reis em 2017.

6. Vale do Côa: a margem ocidental da Meseta ibérica

A partir de 1996, depois da criação do Parque Arqueológico do Vale do Côa e da decisão de parar a construção da barragem para preservar a arte do Côa no contexto onde foi concebida, as prospeções estendem-se em direção ao planalto granítico, no interflúvio entre o Rio Côa e a Ribeira de Aguiar. Em 1998, as prospeções de superfície e as primeiras sondagens fornecem vestígios que atestam da ocupações deste território, no limite ocidental da Meseta ibérica, contemporâneas das fases evidenciadas no fundo do Vale, onde se concentra a arte paleolítica do Vale do Côa.



Fig. 11: Paisagem dos granitos da extremidade ocidental da Meseta onde está localizado o sítio de Olga Grande 4. Foto de José Paulo Ruas.



Fig. 12: Pontas assimétricas características do fim do Solutrense, cerca de 23 000 anos. Foto de José Paulo Ruas.



Fig. 13: Restos de grande fogueiras e acumulação de lajes de granitos encontrados no nível datado de 30 000 do sítio de Olga Grande 4. Foto de Thierry Aubry.



Fig. 14: Uma das acumulações de blocos de quartzo que forma a base das fogueiras durante a sua escavação. Foto de Thierry Aubry



Fig. 15: Realização de fogueiras experimentais e documentação da evolução da temperatura e alteração dos blocos de quartzo e granito. Foto de Thierry Aubry.

As sondagens inicialmente realizadas, demonstram pela primeira vez, neste território e no subsolo granítico que caracteriza uma parte importante do interior da Península Ibérica, a existência de pontas de projéteis em sílex, com uma morfologia atribuível ao Solutrense, que podem ser datadas de 23 000 anos antes do presente. As escavações realizadas entre 1998 e 2001 nos dois lados de um afloramento granítico denominado Pedras Altas, a realização de vários tipos de fogueiras experimentais para analisar as modificações e fracturação dos elementos pétreos afetados pelo calor, reve-

lam que as concentrações de placas de quartzo e blocos de granito são os testemunhos de grandes fogueiras, datadas por termoluminescência de há cerca de 30 000 anos, associadas a outras estruturas constituídas por grandes placas de granito, que se preservaram até hoje, apesar da fraca espessura dos solos sobrejacentes.

AUBRY, Thierry, (1998) - Olga Grande 4: uma sequência do Paleolítico superior no planalto entre o Rio Côa e a Ribeira de Aguiar. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:1. pp. 5-26.

AUBRY, Thierry; SAMPAIO, Jorge. Davide (2003) - Remontagem de rochas termo-alteradas: Um meio de reconstrução dos modos de funcionamento de estruturas de combustão no sítio da Olga Grande 4 (Almendra, Vila Nova de Foz Côa). In MATEUS, José Eduardo; MORENO-GARCIA Marta, eds. - *Paleoecologia Humana e Arqueociências, Um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura*. Trabalhos de Arqueologia. 29, pp. 331-335.

SAMPAIO, Jorge Davide (2009) – *Abordagem experimental aplicada ao estudo de estruturas Gravetenses do Sítio de Olga Grande (V.N. Foz Côa)*. Mestrado da Universidade do Porto.

7. Ferramentas dos primeiros artistas do Côa

Em 1998, no nível de ocupação que contém as fogueiras e as estruturas feitas de lajes de granito, datado de cerca de 30 000 anos, foram encontradas várias ferramentas em quartzito, afeiçoadas para criar uma extremidade aguçada e de forma triangular. O estudo do desgaste desta parte da ferramenta, comparado com o resultado de experimentações com réplicas destas peças, revelou que estes utensílios foram preparados para ser mais resistentes e podem produzir impactos de forma triangular e fundo plano, de morfologia semelhante aos observados em algumas das gravuras dos sítios do fundo do vale, como num dos cavalos do painel 1 da Canada do Inferno.

Este facto não autoriza relacionar diretamente as gravuras com o nível de ocupação datado de cerca de 30 000 anos, onde foram encontradas estas ferramentas, mas forneceu um argumento forte, confirmando as atribuições cronológicas fundamentadas no estilo das representações. Ou seja, permitiu estabelecer que o ciclo da arte do Côa se inicia numa fase antiga do Paleolítico Superior, paralelamente à arte das grutas, e que

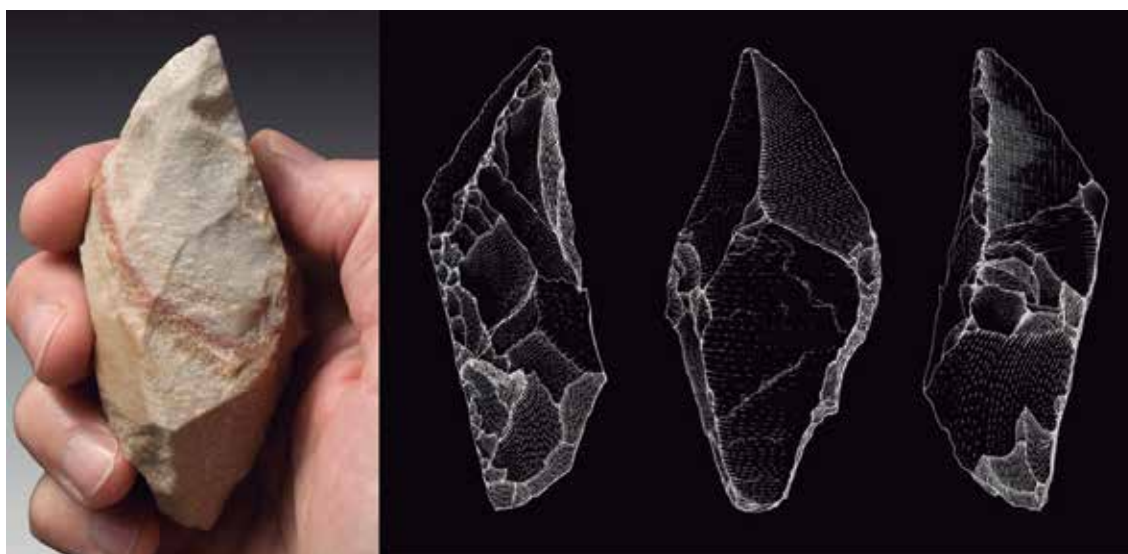


Fig. 16: Um dos picos de quartzito que podem ter sido utilizado na realização de gravuras pela técnica da picotagem. Foto de José Paulo Ruas. Desenhos de Thierry Aubry.



Fig. 17: Realização de impactos com uma replica das peças arqueológicas. Foto de José Paulo Ruas.



Fig. 18: Macrofotografia da extremidade de um dos picos arqueológicos. Foto de Hugues Plisson.

não constitui um epifenómeno da arte paleolítica, uma das hipóteses avançadas no momento da descoberta.

BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; ALCOLEA GONZÁLEZ, José Javier; SANTONJA GÓMEZ, Manuel (1996) - *Arte rupestre paleolítico al aire libre de la cuenca del Duero: Siega Verde y Foz Côa*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques.

PLISSON, Hugues (2009) – Analyse tracéologique de 4 pics d’Olga Grande : des outils pour les gravures de plein air ? In AUBRY, Thierry, ed. - *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa, IGESPAR, I. P. Trabalhos de Arqueologia. 52, pp. 436-443.

8. Fariseu: confirmação arqueológica da cronologia paleolítica

Em 1999, o abaixamento temporário do nível da barragem do Pocinho para permitir a realização de obras nos pilares da ponte de Barca d’Alva, possibilitou a realização de uma sondagem frente à rocha 1 do Fariseu. Este sítio corresponde a um amplo meandro na margem esquerda do Rio Côa, numa posição intermediária entre os sítios de gravuras de Ribeira de Piscos e de Vale Figueira.

Estes trabalhos, realizados em dezembro, revelam, pela primeira vez desde a descoberta da arte paleolítica ao ar livre, a existência de painéis gravados, ocultos por depósitos que contêm vestígios de ocupações humanas paleolíticas, e põem fim às dúvidas que podiam ainda existir sobre a cronologia desta arte. A descoberta e identificação, durante a escavação, de uma ponta de morfologia e modo de confecção característicos do fim do Paleolítico Superior, na camada que oculta metade do painel gravado, confirma-



Fig. 19: Meandro do Fariseu durante um dos abaixamentos da cota da água da barragem do Pocinho. Foto de José Paulo Ruas.



Fig. 20: Escavação realizada frente à rocha gravada 1 do Fariseu. Foto de Thierry Aubry.

ram a validade da atribuição estilística da arte utilizada no momento da descoberta, quando ainda não se conhecia o seu contexto. Em 2005, as amostras recolhidas durante a sondagem de 1999, foram datadas pelos métodos da termoluminescência e da luminescência e, posteriormente, pelo carbono 14, sobre osso, e provam que as camadas que ocultavam a rocha gravada se depositaram entre 18 000 e 12 000 anos.

As escavações de 2005 e 2007 evidenciaram um painel gravado de 85 figuras sobrepostas e estabeleceram a relação estratigráfica com as camadas em contacto dire-



Fig. 21: Momento da escavação da camada 4.
Foto de Thierry Aubry



Fig. 22: Rocha 1 com as gravuras ainda tapadas pelos sedimentos da camada 6 que foi datada de cerca de 15 000 anos.
Foto de Thierry Aubry



Fig. 23: Ponta com um dorso retocado de morfologia curva, dito de tipo azilense, encontrada na camada 4 datada de cerca de 12 000 anos. Foto de José Paulo Ruas.



Fig. 24: Filmagem do documentário “Côa; la rivière aux milles gravures”. Fotos de Thierry Aubry.

to, a qual forneceu dados indicativos de que o conjunto faz parte de uma composição e não de uma acumulação desconexa, e de que a ocupação do espaço gráfico não tem relação com a crescente sobreposição de estratos sedimentares, antes foi definida no ato da composição do painel.

Durante a campanha de 2005, no âmbito da elaboração do documentário “*Côa; la rivière aux milles gravures*” Jean-Luc Bouvret e a sua equipa de filmagem, acompanharam durante 3 semanas o dia a dia da escavação no sítio do Fariseu, testemunharam a descoberta de dezenas de plaquetas de xisto gravadas, no nível de ocupação datado de 12 000 anos e a revelação das figuras da parte esquerda do painel, ainda recobertas por depósitos paleolíticos.

AUBRY, Thierry; BAPTISTA, António Martinho (2000) - Une datation objective de l'art du Côa. *La Recherche*, Hors série n°4, pp. 54-55.

AUBRY, Thierry; LUÍS Luís; SAMPAIO Jorge Davide (2007) - Primeira datação absoluta para a arte paleolítica ao ar livre: os dados do Fariseu (Vila Nova de Foz Côa). *Al-Madan*. 14, pp. 48-52.

AUBRY, Thierry; SANTOS, André Tomás; LUÍS, Luís (2014) - Stratigraphies du panneau 1 de Fariseu: analyse structurelle d'un système graphique paléolithique à l'air libre de la vallée du Côa (Portugal). In PAILLET, Patrick, dir. - *Les arts de la Préhistoire: micro-analyses, mises en contextes et conservation*. Actes du colloque « Micro-analyses et datations de l'art préhistorique dans son contexte archéologique », MADAPCA - Paris, 16-18 novembre 2011, PALEO. numéro spécial, pp. 259-270.

MERCIER, Norbert; VALLADAS, Hélène; AUBRY, Thierry; ZILHÃO, João; JORON, Jean-Louis; REYSS, Jean-Louis; SELLAMI, Farid (2006) - Fariseu: first confirmed open-air Palaeolithic parietal art site in the Côa Valley (Portugal), *Antiquity*. 80, pp. 310, Durham, Durham University, project gallery <http://www.antiquity.ac.uk/projgall/mercier/>.

BOUVRET, Jean-Luc (2006) - *Côa, la rivière aux milles gravures*, 52 minutes, produzido por Gabriel Chabanier (Le Miroir).

9. Retratos de natureza viva e morta

Frente à Rocha 1, durante a sondagem realizada em 1999, dois seixos de xisto, com representações figurativas realizadas por incisão foram descobertos na camada 4, datada de há cerca de 12 000 anos. Um destes foi encontrado a menos de 20 cm do painel gravado há milhares de anos, quando a sua base já estava tapada por várias camadas de sedimentos e só a parte superior era visível.

A proximidade do painel gravado atribuído à fase antiga, parcialmente visível há 12 000 anos e a comparação com a Quinta da Barca, um sítio que apresenta vestígios de indústria lascada e datas semelhantes, sugerem que a visibilidade da arte de fases anteriores do Paleolítico Superior, apesar de incompletamente exposta, foi reconhecida e pode ter tido uma influência sobre a densidade excepcional de arte móvel no sítio do Fariseu (89 peças numa área escavada de 56 metros quadrados).

A oportunidade de escavar outra vez na parte submersa pela albufeira da barragem do Pocinho, em 2005 e 2007, confirmou a existência de várias plaquetas de xisto gravadas e revelou a sua associação com seixos pintados na camada da ocupação datada de 12 000 anos.

Só uma das 3 áreas que foram escavadas, na camada datada de cerca de 12 000 anos, preserva os restos dos animais que foram caçados e pescados. O seu estudo revelou que, ao lado de herbívoros (camurça, veado), estão representados o javali, o coelho, várias espécies de peixes do rio e uma espécie migratória marinha que sobe os rios durante



Fig. 25: Seixo de xisto gravados no momento da sua descoberta na camada 4, datada de 12 000 anos. Foto de Thierry Aubry.

a primavera (o sável), atestada pela presença de vértebras. Estes dados, baseados nos restos encontrados, comparados com as espécies representadas na arte móvel da mesma camada, confirmam que só uma parte dos animais que viviam neste território e foram explorados estão representados (essencialmente os cervídeos e capríneos).

GARCÍADIEZ, Marcos; AUBRY, Thierry (2002) - Grafismo mueble en el Valle de Côa (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): La estación arqueológica de Fariseu, *Zephyrus*. 55, pp. 157-182.

GABRIEL, Sónia Marques; BÉAREZ, Philippe (2009) - Caçadores-pescadores do vale do Côa: os restos de fauna do sítio do Fariseu, In AUBRY, Thierry, ed. -, *200 séculos de história do Vale do Côa: Incurções na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR, I. P. Trabalhos de Arqueologia. 52, pp. 331-339.

SANTOS, André Tomás; BARBOSA, António Fernando; AUBRY, Thierry; GARCÍA DÍEZ, Marcos; SAMPAIO, Jorge Davide (2018) - O final do ciclo gráfico paleolítico do Vale do Côa: a arte móvel do Fariseu (Muxagata, Vila Nova de Foz Côa)”, *Portvgalia*, Nova Série. 39, pp. 5-96.

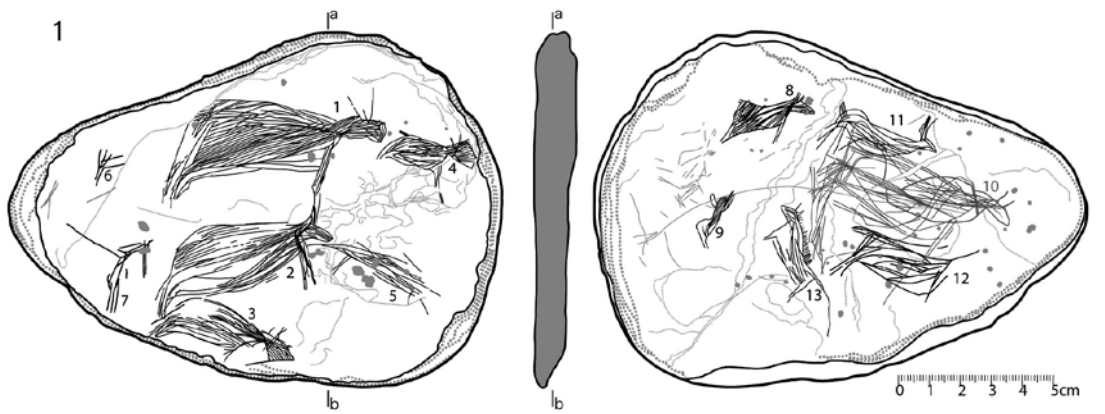


Fig. 26: Desenho por decalque direto das figuras incisadas representadas nas duas faces do seixo. Decalque de Fernando Barbosa.



Fig. 27: Exumação de uma plaqueta durante a escavação de 2005. Foto de Thierry Aubry.



Fig. 28: Vértebra de sável. Foto de José Paulo Ruas.

10. Viver sem sílex

Desde 2002, ano de defesa da tese de Doutoramento de Javier Mangado Llach na Universidade de Barcelona, investigador que estudou os sílices das ocupações do Paleolítico Superior do sítio da Cardina - Salto do Boi, sabemos que este tipo de rocha representa menos de 5% dos restos de pedras lascadas. Todavia, o sílex está sistematicamente presente e foi utilizado preferencialmente para o fabrico das armas de caça. A identificação da origem do sílex presente nos sítios do Côa mostra que esta rocha, cortante e resistente e que não existe naturalmente na região, foi trazida de fontes distantes do Vale do Côa.

As prospeções de potenciais fontes regionais da bacia do Douro e os estudos mostram que junto com estas matérias-primas originárias de outras regiões do Centro de Portugal e do interior da Meseta, os caçadores-recolectores do Paleolítico Superior da região exploraram outros tipos de rochas locais (quartzo ou quartzito), ou variedades de rochas siliciosas de grão fino que aparecem localmente, sob a forma de filões, associadas ao quartzo.

ABRUNHOSA, Ana, DIMUCCIO, Luca Antonio, AUBRY, Thierry, RIBEIRO, Maria dos Anjos., (2022) - Quartzite characterization and provenance analysis protocol – a case study of lithic raw materials available in the Côa valley (northeast Portugal). *Abstract book, 28th Annual European Association of Archaeologists Meeting*, 31 August to 3 September 2022, Budapest, Hungary.

AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís; MANGADO LLACH, Javier; MATIAS, Henrique (2012) - We



Fig. 29: Prospeções e inventário das rochas siliciosas da região do Vale do Côa, na Horta da Vilariça.
Foto de Thierry Aubry.

will be known by the tracks we leave behind: exotic lithic raw materials, mobility and social networking among the Côa Valley foragers (Portugal). *Journal of Anthropological Archaeology*. 31, pp. 528-550.

AUBRY, Thierry; GAMEIRO, Cristina; MANGADO LLACH, Javier, LUÍS; Luís, MATIAS; Henrique, PEREIRO; Telmo (2016) - Upper Palaeolithic lithic raw material sourcing in Central and Northern Portugal as an aid to reconstructing hunter-gatherer societies. *Journal of Lithic Studies*. 3:2 doi: 10.2218/jls.v3i2.1436

MANGADO LLACH, Javier, (2005) - *La caracterización y el aprovisionamiento de los recursos abióticos en la Prehistoria de Cataluña: las materias primas silíceas del Paleolítico Superior Final y el Epipaleolítico*, BAR International Series. 1420. Oxford: Archaeopress..

11. Regresso à Cardina Salto do Boi

Depois de mais de 10 anos de paragem, em 2014, reiniciaram-se as escavações no sítio da Cardina-Salto do Boi, com o intuito de conhecer melhor a ocupação deste sítio. As sondagens mostraram que os vestígios evidenciados no primeiro metro de profundidade, existiam em toda a área aplanada do topo do meandro e em densidade semelhante, confirmando a importância deste sítio no povoamento do baixo Côa e explicando, em parte, a densidade da arte ali executada.

Uma das sondagens de 2014 evidenciou, apenas num canto, uma acumulação de elementos pétreos, calibrados (entre 10 e 20 cm) previamente utilizados para delimitar as fogueiras. O alargamento da área de escavação nos anos seguintes revelou que esta acumulação de pedras não pertencia a uma fogueira, mas a uma grande estrutura de forma circular, de cerca de 5 metros de diâmetro. A existência de uma fossa na sua periferia e a raridade das remontagens entre blocos queimados que se observa nas fogueiras do planalto, sugerem que se trata do pavimento que ocupava o fundo de uma cabana e a fossa periférica poderia ter uma função de drenagem.

As campanhas seguinte mostraram, também, que as escavações anteriores não



Fig. 30: Um das sondagens realizadas em 2014 no sítio de Cardina – Salto do Boi. Foto de José Paulo Ruas.



Fig. 31: Escavação da estrutura circular gravettense datada de 29 000 anos. Foto de Thierry Aubry.

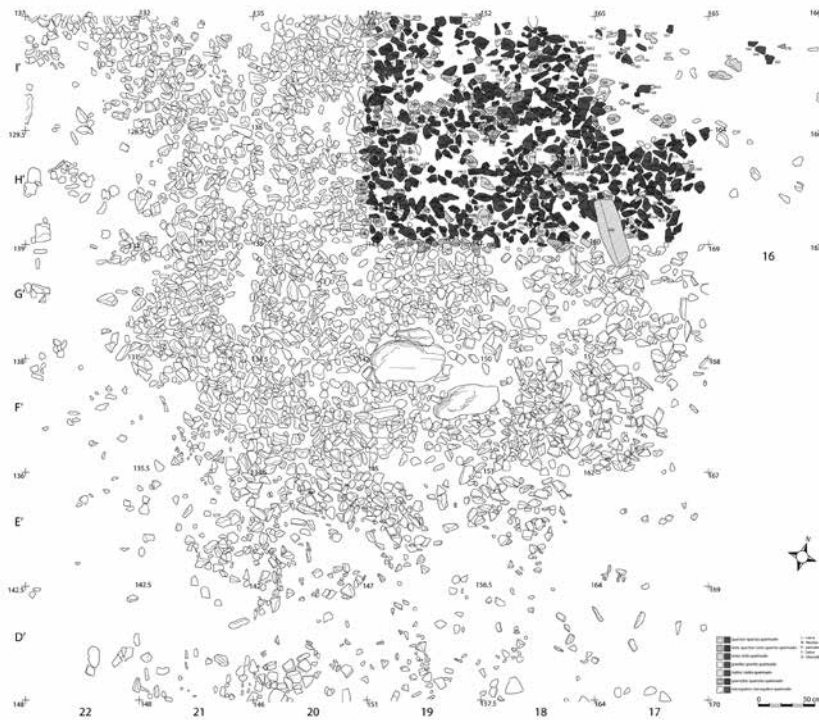


Fig. 32: Planta da acumulação de blocos rochosos que constituem a base da estrutura. Desenho de André Santos.



Fig. 33: Corte estratigráfico de 5 metros de espessura que preserva os vestígios de ocupação do Paleolítico Médio e Superior. Foto de André Santos.

tinham evidenciado a totalidade do potencial do sítio e que o preenchimento sedimentar sobreposto à rocha mãe era de cerca de 5 metros de espessura.

12. Ser modernos?

Os trabalhos desenvolvidos a partir de 2014 evidenciaram, sob as camadas conhecidas desde 1995, as quais forneceram datas de cerca de 27 000 - 29 000 anos, a existência de vestígios de ocupação atribuíveis aos primeiros homens anatomicamente modernos. A sua presença no sítio e região, traduz-se pelo nível datado pela luminescência de cerca de 34 000 e por outro de 32 000 anos, preservados nas areias finas depositadas durante as cheias mais fortes do Rio Côa. Encontraram-se pequenos objetos de sílex, que armavam projéteis de caça ou foram utilizados para outras funções, e possuem características atribuíveis do Aurignacense (do sítio de Aurignac, Haute-Garonne, França) e do Gravettense (do sítio de la Gravette, na Dordonha, França) associadas a concentrações de pedras queimadas, material que se conservou nos solos ácidos da região e denunciam a presença de fogueiras.

AUBRY Thierry; DIMUCCIO, Luca; BARBOSA, António Fernando; LUÍS Luís; SANTOS, André Tomás, SILVESTRE Marcelo, THOMSEN, Kristina Jørkov; RADES, Eike; AUTZEN, Martin, MURRAY; Andrew Sean (2020) -Timing of the Middle-to-Upper Palaeolithic transition in the Iberian inland (Cardina-Salto do Boi, Côa Valley, Portugal). *Quaternary Research*. 98, pp. 81-101.



Fig. 34: Lamela de sílex típica do Aurignacense, 34 000 anos. Foto de Fernando Barbosa.



Fig. 35. Ferramentas típicas do Gravettense, 32 000 anos.
Foto de Fernando Barbosa.



Fig. 36: Escavação dos blocos de quartzo que testemunham a existência de uma fogueira no nível datado de 32 000 anos. Foto de Thierry Aubry.

13. O primo afastado

As escavações arqueológicas no sítio da Cardina Salto do Boi possibilitaram a descoberta de conjuntos de pedra lascada, considerados dos vestígios mais inequívocos da presença humana, visto que resultam da fratura artificial de rochas para a obtenção de suportes destinados ao fabrico ou aproveitamento como utensílios. Este aspeto é particularmente relevante para o estudo da evolução humana, uma vez que os vestígios arqueológicos descobertos testemunham a ocupação do sítio em diferentes cronologias do Paleolítico (de 12 a 150 000 anos antes do presente) e pertencem tanto ao *Homo sapiens sapiens* (o Homem anatomicamente moderno), como ao *Homo sapiens neanderthalensis* (O Homem de Neandertal). Por esta razão, este sítio arqueológico oferece uma oportunidade única para investigar o problema da transição entre o Paleolítico Médio e o Paleolítico Superior (datada, a sul do vale do Ebro, de cerca de 36 500 anos antes do presente) e, portanto, da transição entre a ocupação do sítio pelos dois grupos humanos.

Um núcleo e uma lasca em riólito foram exumados na unidade estratigráfica 7, recentemente datada de há cerca de 150 000 anos atrás. A remontagem bem-sucedida das duas peças permite afirmar que pertencem ao mesmo evento tecnológico, embora não tenham sido encontrados juntas, ainda que no mesmo pacote sedimentar, e constitui, por essa razão, um indicador do bom estado de preservação do sítio. O núcleo e a lasca resultaram de uma exploração do bloco de matéria-prima baseada na sua divisão em duas faces convexas e opostas, tal como as que caracterizam um objeto voador não

identificado. A extração de lascas realizou-se a partir do plano que separa as duas faces, com base num princípio semelhante àquele que subjaz à divisão da terra em dois hemisférios. Tanto a lasca como o núcleo se caracterizam pela presença de superfície natural da rocha, o que significa que a exploração do núcleo não se encontrava muito avançada quando foi abandonado. De facto, as últimas extrações resultaram mais curtas que o intencionado, impossibilitando o prosseguimento idealizado da exploração do bloco. A matéria-prima utilizada encontra-se disponível nas imediações do sítio, o qual é atravessado por um filão de pórfiros riolíticos e graníticos. O recurso a esta rocha foi documentado ao longo de toda a sequência estratigráfica. No entanto, é na unidade estratigráfica 7 que a evidência da sua utilização assume maior importância.

A ponta triangular é um tipo de lasca frequentemente obtida pelo método de debitage descrito, apesar de o exemplar apresentado se distinguir daqueles mais comuns neste tipo de produções, uma vez que o ápex da ponta se encontra alinhado com a sua base. Caracteriza-se por apresentar negativos de extrações anteriores na sua superfície externa que lhe conferem uma morfologia pontiaguda. Este tipo de lasca não se encontra associada a um único método de talhe, podendo ser produzida aplicando diversas estratégias, as quais dependeriam tanto de fatores socioeconómicos e culturais, como ambientais. De igual forma, a sua obtenção podia, ou não, constituir o objetivo principal da ação de talhe. Estima-se que as pontas fossem valorizadas pela sua polivalência, não servindo apenas de pontas de projétil. Alguns exemplares retêm evidências da sua função cinegética, como a presença de fraturas diagnósticas ou, inclusive, de vestígios de encaimento, mas também mostram estigmas de utilização como faca para o desmanche de animais, remoção de peles e trabalho de madeira, couro e osso. A datação obtida para a ponta triangular exumada na unidade estratigráfica 5 do sítio da Cardina Salto do Boi cobre um intervalo de tempo relativamente amplo, entre os 85 e os 50 mil anos. A variante de quartzo utilizada encontra-se tratada termicamente, o que lhe confere um aspeto lustroso e uma cor branca, opaca.

Do mesmo tipo de quartzo, dentro do mesmo pacote sedimentar e, inclusive, do mesmo intervalo de tempo, foi encontrado um utensílio de pequenas dimensões (1,66 x 1,42 cm). Trata-se de uma lasca quadrangular com o extremo oposto à base retocado. A sua morfologia é uma consequência de, pelo menos, duas extrações anteriores paralelas ao longo dos bordos laterais e uma transversal no topo. O retoque é visível na face exterior e composto por três pequenas extrações contínuas e curtas. Este achado é bastante curioso, visto que apesar de terem sido documentadas descobertas semelhantes noutros sítios arqueológicos da mesma cronologia ou anteriores (p. ex. Tata-Porhanyó, na Hungria; Abric Romaní e Navalmaíllo, em Espanha), a sua inclusão no *toolkit* das comunidades de caçadores-recolectores neandertais é, todavia, considerada com alguma reserva. Inclusive, na perspetiva de alguns autores, a menor dimensão da mão do Homem Neandertal constituiria um constrangimento biomecânico à habilidade necessária para a produção intencional de indústria tão pequena. Porém, a crescente constatação da presença deste tipo de produtos nos conjuntos de indústria lítica sugere, talvez independentemente de certas limitações físicas, que a produção deste tipo de implemento não seria tão marginal quanto se pensava. Outro aspeto interessante sobre esta peça reside no facto de, além da sua reduzida dimensão, apresentar retoque. O quartzo é uma matéria-prima difícil de trabalhar, uma vez que, muitas vezes, apresenta planos de fratura preferenciais internos que tornam o seu comportamento mecânico imprevisível. Por essa razão, ainda que nas mãos de talhadores experientes, os quais teriam o domínio técnico para deter-

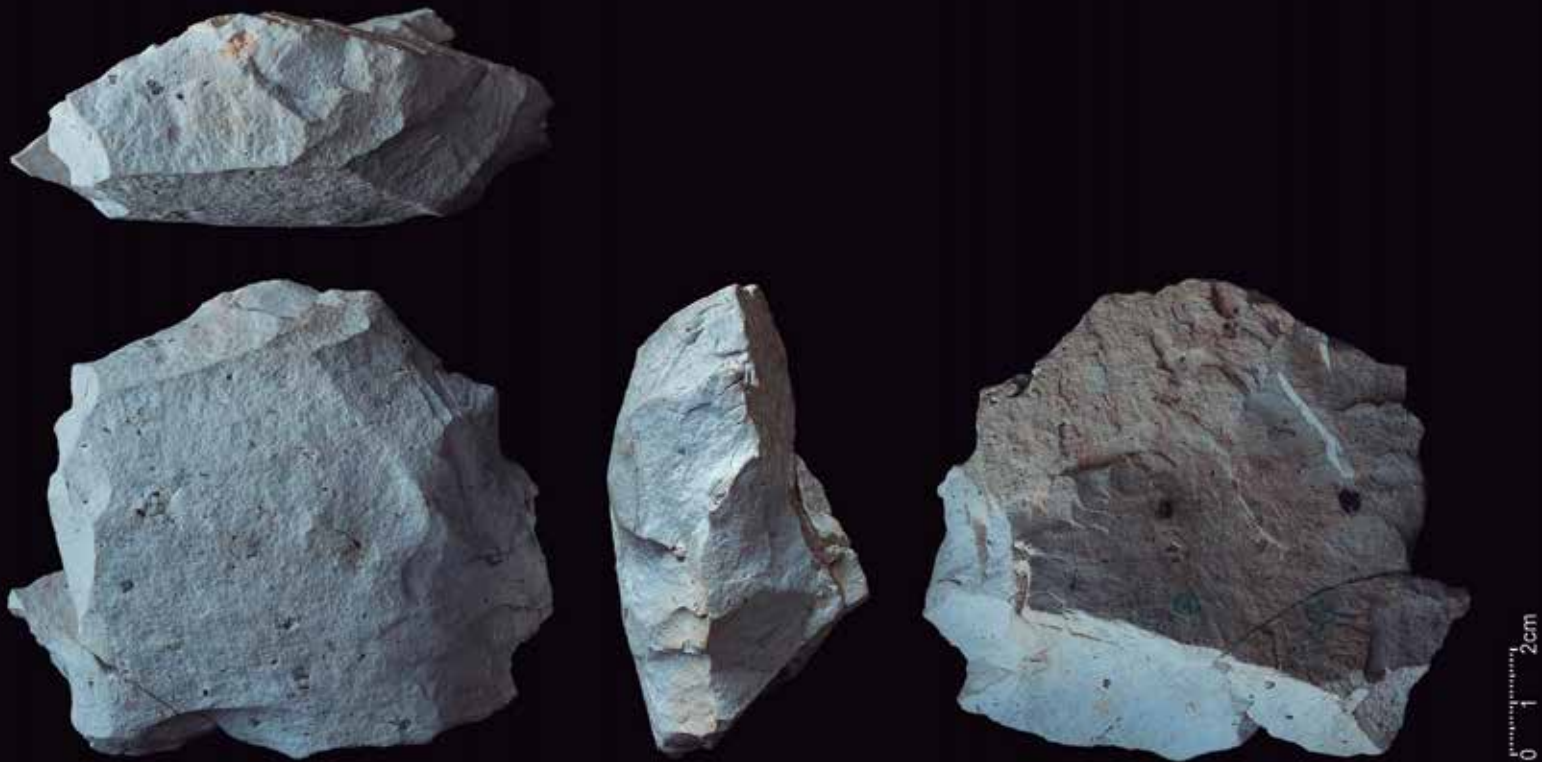


Fig. 37: Remontagem de uma lasca e núcleo discoide em riólito (cerca de 150 000 anos). Foto de Fernando Barbosa.



Fig. 38: Ponta triangular em quartzo (80-50 000 anos). Foto de Fernando Barbosa.



Fig. 39: Pequena lasca quadrangular retocada (80-50 000 anos). Foto de Fernando Barbosa.



Fig. 40: Lasca em cristal de rocha (cerca de 50 000 anos). Foto de Fernando Barbosa.

minar algumas das características dos produtos que pretendiam extrair, mais do que nou- tro tipo de matéria-prima, parte significativa do sucesso da extração dependeria das par- ticularidades do mineral. Alguns dos artefactos de pequena dimensão provenientes do sítio arqueológico de Tata-Porhanyó, na Hungria, que exibem vestígios de utilização e/ ou encabamento, caracterizam-se por apresentar um gume oposto a uma base, morfolo- gia semelhante à do pequeno utensílio encontrado na Cardina Salto do Boi, para o qual, no entanto, ainda não foi feita uma análise focada na identificação de vestígios de uso. Por sua vez, o estudo de alguns dos conjuntos de indústria lítica do sítio catalão de Abric Romaní, em particular daqueles atribuíveis a ocupações de há cerca de 50-55 000 anos, permite, de acordo com os seus autores, afirmar, sem espaço para dúvidas, que, ali, a produção de pequenos suportes foi deliberada. Idêntico é o caso do abrigo de Navalmaíllo, em Madrid, onde o conjunto de indústria lítica é composto por núcleos de reduzida dimensão, os quais remetem para estados mais e menos avançados da sua exploração, e respetivas lascas. Ali, a utilização de suportes pequenos para o fabrico de utensílios en- contra-se documentada pela existência de um denticulado em quartzo com 1 cm de comprimento, 1,2 cm de largura e 0,4 cm de espessura. O depósito de onde foi exumado este conjunto tem uma datação de 77 000 anos.

No sítio da Cardina, durante o Paleolítico Superior, a exploração de cristal de rocha torna-se mais frequente. Não obstante, ela encontra-se documentada ao longo de toda a unidade estratigráfica 5, o que significa que também foi uma matéria-prima utili- zada pelas comunidades de caçadores-recolectores neandertais. A julgar pela presença de superfície natural na maioria das lascas encontradas e de dejetos diagnósticos da ação de talhe no conjunto exumado, alguns dos cristais terão sido trazidos para o sítio em estado bruto ou ligeiramente preparados e trabalhados no local. Como reforço desta interpreta- ção, verifica-se que esta matéria-prima se encontra disponível a, pelo menos, 5 km do sítio. A exploração deste recurso, encontra-se atestada noutros sítios arqueológicos com ocupação neandertal, não apenas pela presença de utensílios (p. ex. Abri des Merveilles e Champ Grand, na França), mas também de núcleos, lascas e outros dejetos de talhe (p. ex. Navalmaíllo, em Espanha). Inclusive, no abrigo de Navalmaíllo, verifica-se que os núcleos em cristal de rocha foram abandonados num estado avançado de exploração e que este material apresenta a maior percentagem de suportes retocados, o que indica que, realmente, seria bastante apreciado, sobretudo para o fabrico de utensílios.

Aquilo que, de momento, se pode afirmar sobre a ocupação neandertal do sítio da Cardina é, em primeiro lugar, que o sítio se manteve parte integrante de um território de exploração ao longo de, pelo menos 100 000 anos, dado que todas as unidades estrati- gráficas forneceram materiais arqueológicos. Tal não testemunha, no entanto, uma pre- sença constante no sítio, mas provavelmente recorrente: o grupo de caçadores-recolecto- res viria, estabelecer-se-ia no sítio por um determinado período e, concluído aquilo que vinha fazer, voltaria a partir.

Em segundo lugar, os grupos de caçadores-recolectores neandertais do sítio da Cardina sustinham-se através da exploração de recursos líticos locais, encontrando-se, a maioria, disponível nas imediações do sítio. Este aspeto, associado ao tipo de estratégias de talhe utilizadas, como a descrita, as quais se caracterizam por ser mais rentáveis e ex- pedientes, sugere que estes grupos mantinham um elevado grau de mobilidade. De igual forma, demonstra que, no sítio da Cardina, a disponibilidade de recursos líticos não constituiu um constrangimento ambiental, sendo as matérias-primas locais suficientes para o sucesso adaptativo destes grupos.

Em contrapartida, os grupos de caçadores-recolectores *Homo sapiens sapiens* optavam por explorar outros tipos de matéria-prima, algumas das quais apenas se encontravam disponíveis a mais de 25 km do sítio e outras, inclusive, a mais de 100 km.

AUBRY, Thierry; BARBOSA, António Fernando; GAMEIRO, Cristina; LUÍS, Luís; SANTOS, André Tomás; SILVESTRE, Marcelo (2022) – Far from flint: Inferring land-use and social networks from Middle and Upper Palaeolithic lithic assemblages (Cardina-Salto do Boi, Coa Valley, Portugal). *Journal of Archaeological Science: Reports*. 42, pp. 1-24.

AUBRY, Thierry; BARBOSA, António Fernando; LUÍS, Luís; SANTOS, André Tomás; SILVESTRE, Marcelo (2016) – Quartz use in the absence of flint: Middle and Upper Palaeolithic raw material economy in the Coa Valley (North-eastern Portugal). *Quaternary International*. 424, pp. 113-129.

BOREL, Antony; DOBOSI, Viola; MONCEL, Marie-Hélène (2017) – Neanderthal's microlithic tool production and use, the case of Tata (Hungary). *Quaternary International*. 435, pp. 5-20.

COUDENNEAU, Aude. (2013) – *Éléments triangulaires et armes de chasse au Paléolithique moyen. Constats et réflexions à travers l'étude techno-morpho-fonctionnelle de quatre séries d'Europe occidentale*. Aix-Marseille Université.

DRISCOLL, Killian. (2010) – *Understanding quartz technology in early prehistoric Ireland*. Dublin: UCD School of Archaeology.

EIXEA, Aleix; ROMAGNOLI, Francesca; BARGALLÓ, Amèlia; GÓMEZ DE SOLER, Bruno; VAQUERO, Manuel; CHACÓN, M. Gema (2020) – Micro-lithic production at Abric Romaní levels L and Ob: Exploring economic and evolutionary implications for Neanderthal societies. *Journal of Archaeological Science: Reports*. 31. pp.102280, <https://doi.org/10.1016/j.jasrep.2020.102280>

MÁRQUEZ, Bélen; MOSQUERA, Marina; PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo; ARSUAGA, Juan Luis; BAQUEDANO, Enrique; PANERA, J.; ESPINOSA, J. A.; GÓMEZ, J. (2013) – Evidence of a Neanderthal-Made Quartz-Based Technology at Navalmaíllo Rockshelter. *Journal of Anthropological Research*. 69:3, pp. 373-395.

SÁNCHEZ-ROMERO, Laura; CANALS, Antoni; PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo; MÁRQUEZ, Belén; MOSQUERA, Marina; KARAMPAGLIDIS, Theodoros; ARSUAGA, Juan Luis; BAQUEDANO, Enrique (2017) – Breaking the palimpsest: an approach to the cultural sequence of Neanderthal occupation at the Navalmaíllo rockshelter, Pinilla del Valle (Spain). *Trabajos de Prehistoria*. 74:2, pp. 225-237.

TURQ, Alain (2018) – Territoires et Mobilité. In PATOU-MATHIS, Marylène; DEPAEPE, Pascal, eds. – *Néandertal*. Paris: Gallimard; Muséum national d'histoire naturelle, pp. 57-62.

14. Muito mais para contar: regresso à Penascosa

As sondagens realizadas em agosto de 1995, em frente das rochas 4 e 5 da Penascosa, sob a direção de João Zilhão, mostraram que os petróglifos que ocupam o limite da planície aluvial atual estão recobertos por camadas depositadas pelo Rio Côa.

As datas obtidas por luminescência ou carbono 14 e os objetos metálicos e cerâmicas encontrados nestas camadas indicam que os sedimentos que ocultavam estas gravuras datam de há menos de 6000 anos. Por isso, não podem preservar vestígios contemporâneos da realização da arte e fornecer argumento para as datar.

Durante mais de 25 anos, foi considerado que estas duas sondagens e as prospeções efetuadas para detetar novas rochas gravadas tinham revelado a integralidade do potencial dos sítios de gravuras da Penascosa e da Quinta da Barca e que o registo sedimentar preservado não era contemporâneo do Paleolítico, pelo que não se justificavam novos trabalhos de escavação.

Todavia, em 2018, novas sondagens na Penascosa foram realizadas com o intuito de evidenciar se existiam depósitos aluviais preservados e vestígios de ocupação durante o Paleolítico Superior em cotas mais altas. Estes trabalhos não tiveram os resultados esperados. Não foi possível evidenciar vestígios de depósitos mais antigos,

mas revelaram a existência de vestígios de pedra lascada preservadas por baixo de blocos caídos que podem ser atribuídos ao fim do Paleolítico Superior e de duas novas rochas gravadas (rochas 37 e 38) atribuíveis a esta fase. A posição destas rochas, de cronologia mais recente no ciclo artístico do Paleolítico Superior, na parte baixa, permitiu propor uma reconstituição da evolução do preenchimento aluvial e da topografia desta porção do vale, que sugere ter sido afetada por uma sucessão de fases de preenchimento e de erosão que podem explicar o facto de as rochas gravadas mais antigas estarem localizadas nas cotas mais altas da vertente.

A realização de sondagens geofísicas no sítio revelou a continuação da diáclase de um dos painéis gravados, descoberto em 2018, por baixo de sedimentos recentes, e a possível existência de gravuras!



Fig. 41: Rocha gravada 37 da Penascosa antes da escavação. Foto de André Santos.

AUBRY, Thierry; BARBOSA, António Fernando; LUÍS, Luís; SANTOS, André Tomas; SILVESTRE, Marcelo (2021) - Descoberta de duas novas rochas no núcleo de arte rupestre da Penascosa. Vila Nova Foz Côa. In NALDINHO, Sandra; SILVINO, Tony, eds. - *Estudos Em Homenagem Ao Doutor António Do Nascimento Sá Coixão*. Vila Nova Foz Côa: Museu da casa Grande de Freixo de Numão, pp. 337-370.

ZILHÃO, João, coord. (1997) - *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa*. Trabalhos de 1995-1996, Lisboa, Ministério da Cultura.



Fig. 42: Descoberta da rocha 37 durante a realização da escavação. Foto de António Jerónimo.

15. Fariseu, segunda temporada

No início do ano 2020, pouco antes da pandemia de Covid-19, iniciou-se uma sondagem frente à rocha 9 do Fariseu. Este painel, descoberto pouco depois da realização da sondagem de 1999 situada na frente da rocha 1 do mesmo sítio, está localizado a cerca de 100 metros a montante. Até à data, só se conhecia um traço picotado de cerca de 50 cm, em parte de um painel de menos de um metro quadrado.

A sondagem realizada no contacto com a rocha trouxe resultados inesperados. Vinte anos depois da descoberta da rocha 1, os trabalhos revelam que o traço conhecido pertencia a um auroque de 3,5 metros e a existência, no sítio, de um outro painel atribuível a uma fase antiga. Além do grande auroque, a exposição da rocha mostra uma sobreposição de figuras de auroques fêmeas, cervas, cavalos e veados, ocultadas por depósitos que contêm vestígios arqueológicos. No sítio do Fariseu, mais uma vez, demonstrou-se que é possível encontrar as condições de preservação que permitem relacionar a arte com o seu contexto geológico e arqueológico e que algumas das rochas gravadas ainda estão por descobrir.

O grande auroque, não só é a maior figura encontrada no Côa, como também a maior figura exclusivamente gravada do Paleolítico do Sudoeste europeu. Comparada com a rocha 1, a rocha 9 apresenta-se mais fraturada no seu limite superior e algumas das figuras estão claramente incompletas. Certos blocos resultantes da sua degradação encontraram-se no sítio onde caíram, nas camadas subjacentes e, ao contrário do que aconteceu com a Rocha 1, foi possível recolocar um destes fragmentos no seu lugar original da rocha gravada, durante a escavação.

Outra surpresa foi o facto destas escavações não terem evidenciado camada alguma com concentração de vestígios de ocupação do Azilense e da arte móvel associada equivalente à atestada, 100 metros a jusante, na área da rocha 1. Tal ausência pode



Fig. 43: Rocha 9 do Fariseu no fim de 2019, antes da realização das sondagens. Foto de Marcelo Silvestre.



Fig. 44: Durante as duas primeiras semanas da sondagem o grande auroque aparece progressivamente. Foto de Thierry Aubry.



Fig. 45: Escavação dos depósitos datados de entre 15 000 e 16 000 anos que ocultam as gravuras, o tubo metálico contém uma das duas amostras que foram datadas desta fase. Foto de Thierry Aubry.



Fig. 46: Remontagem de um fragmento da rocha gravado efetuado durante a escavação de 2021. Foto de Fernando Barbosa.

ser explicada pela possibilidade de a ocupação ter existido mais perto do rio, pelas diferenças na configuração topográfica do terreno entre as duas áreas ou pelo facto de a arte da fase antiga estar menos visível e ser menor a proximidade à rocha há 12 000 anos.

AUBRY, Thierry; BARBOSA, António Fernando; LUÍS, Luís; SANTOS, André Tomás; SILVESTRE, Marcelo (2020) - Fariseu, 20 anos depois: novidades da arte paleolítica do Côa. *Al-Madan online*. <http://hdl.handle.net/10400.26/33140>

16. Monumentalização

Em 2021, o abaixamento do nível da albufeira do Pocinho durante uma semana, permitiu alargar a área escavada e trazer à luz a integralidade do painel gravado, de cerca de 10 metros de extensão. A observação e o decalque das figuras, essencialmente representações de auroques fêmeas, revela uma homogeneidade da técnica de gravação e das convenções estilísticas utilizadas para as figuras do painel, como já foi constatado nos painéis com densas sobreposições atribuídas à fase antiga da arte do Côa.



Fig. 47: Escavação de 2021.
Foto de Thierry Aubry.



Fig. 48: A integralidade do painel gravado 9 do Fariseu é exposta no fim da escavação de 2021. Foto de André Santos.

Este novo painel, pelas convenções estilística, e temática, assim como pela densa sobreposição de figuras características da fase inicial da arte do Côa, acrescenta-se aos já conhecidos no Vale do Côa e mostra que, além da composição das figuras, provavelmente existe em cada painel uma organização espacial na escolha dos suportes em lugares de destaque, na deambulação ao longo do meandro e denota uma intenção de monumentalização da paisagem.

17. Um frio de rachar

Os depósitos evidenciados durante as escavações dos sítios de Cardina-sSalto do Boi e Olga Grande 4 foram objeto de estudos de geoarqueologia por Mercè Berga-

dà e Farid Sellami. Os objetivos consistiam em reconstituir os processos e os ambientes contemporâneos da formação das camadas sedimentares onde foram descobertos os vestígios da ocupação Paleolítica do Vale do Côa. Com base nestas análises, foi avançada uma proposta de reconstituição da evolução das condições climáticas e respetiva correlação com oscilações frias detetadas durante o último período glacial à escala do globo. No fim da campanha de 2021 frente à rocha 9 do Fariseu, no âmbito do projeto Climate@Côa dirigido pelo Doutor Luca Dimuccio, recolheram-se amostras para o estudo de micromorfologia. Esta metodologia de estudo utiliza blocos de sedimentos consolidados e cortados em lâminas para serem analisados ao microscópio. As observações da microestrutura permitem reconstituir a origem dos materiais e as condições ambientais contemporâneas da formação das várias camadas. Os resultados obtidos revelam que as camadas da base da sequência, anterior ao aquecimento do Holocénico (há menos de 11 700 anos), resultam essencialmente da fracturação pelo gelo dos afloramentos e da deslocação dos fragmentos ao longo da vertente, por ação da gravidade, num contexto muito mais frio.

AUBRY, Thierry; Dimuccio, Luca António; Bergadà, Maria Mercè; Sampaio, Jorge Davide; Sellami, Farid (2010) - Palaeolithic engravings and sedimentary environments in the Côa River Valley (Portugal): implications for the detection, interpretation and dating of open-air rock art, *Journal of Archaeological Science*. 37 pp. 3306-3319.

DIMUCCIO, Luca António., ZAMBALDI, Maurizio ANGELUCCI, Diego; AUBRY, Thierry; RODRIGUES, Nelson; CUNHA, Lúcio (2022) - *Facies and microfacies characterization of relict periglacial stratified slope deposits in the Côa Valley region (northeast Portugal)*, Abstract of the EGU General Assembly 2022, Vienna, Austria, 23–27 May 2022, EGU22-7380.10.5194/egusphere-egu22-7380



Fig. 49: Recolha de amostras para o estudo de micromorfologia da autoria de Maurizio Zambaldi.
Foto de André Santos.

18. Big puzzle e mais surpresas

Em 2022, foram conhecidos os resultados da datação de 3 das camadas que ocultam as gravuras da rocha 9 do Fariseu, obtidas pelo método da luminescência, sob a responsabilidade de Andrew Sean Murray e Kristina Jørkov Thomsen do Nordic Laboratory for Luminescence Dating da Aarhus University, em Risø, e do Center for Nuclear Technologies, Technical University of Denmark, DTU Risø Campus, na Dinamarca. O nível que continha a maioria dos fragmentos gravados originários do painel foi datado de entre 19 000 e 16 000 anos, idades equivalentes às obtidas, pelo mesmo método, em 2005, para a camada 7 que ocultava a parte inferior das gravuras da rocha 1.

Em 2022, os trabalhos concentraram-se na área localizada acima da cota da barragem do Pocinho. Por baixo do painel, foram encontrados mais fragmentos com parte de figuras gravadas, dos quais um foi remontado. A figura representa a mandíbula de um auroque, de morfologia característica de uma fêmea, que, completo, devia ter cerca de 2 metros e parece seguir o grande auroque macho evidenciado em 2020. Cada fragmento de mais de 10 centímetros encontrado durante a escavação foi localizado em 3 dimensões, permitindo um trabalho de remontagem sistemática, no laboratório e no sítio, para tentar reconstituir as porções gravadas ou não gravadas do painel original e

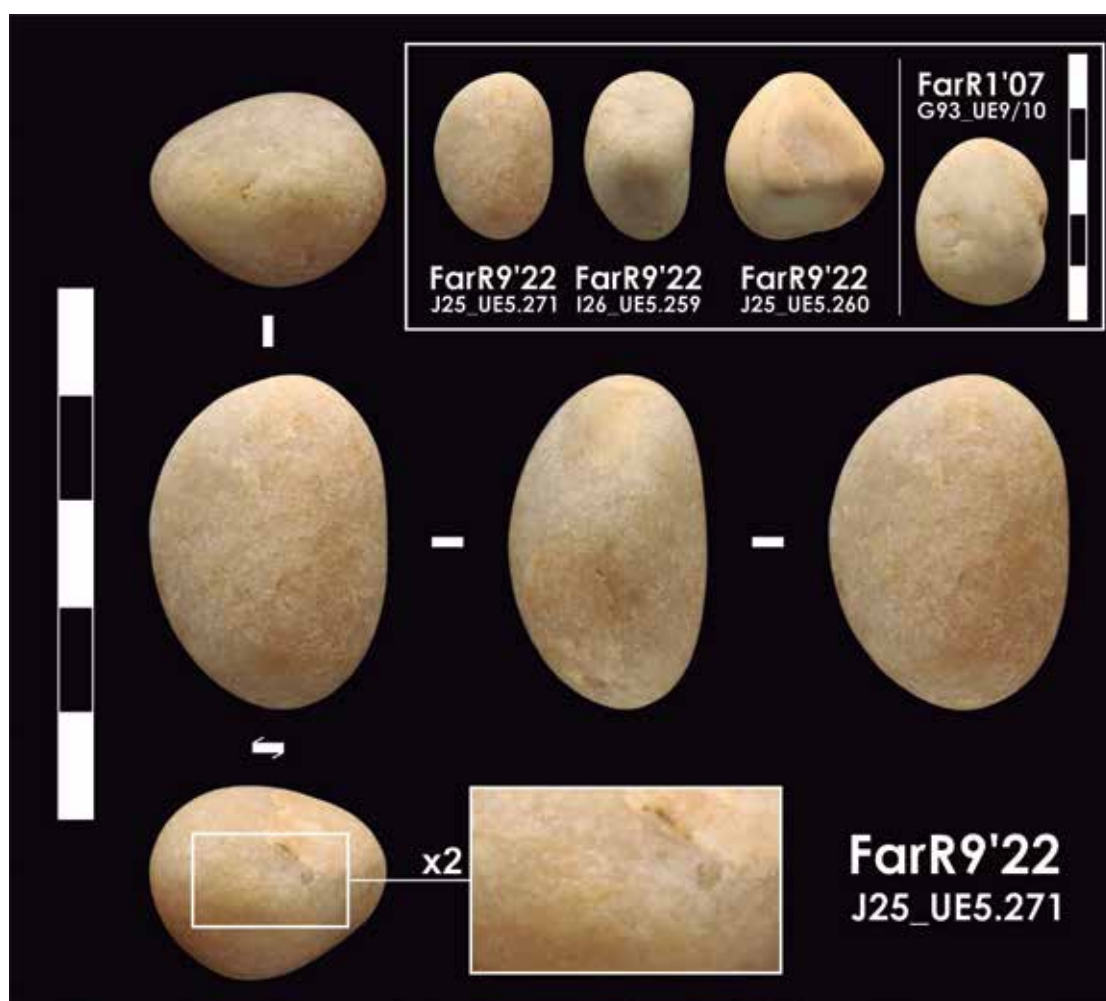


Fig. 50: Seixos de quartzo que apresentam impactos de percussão que podem ter sido utilizados para gravar algumas das figuras da rocha 9. Foto de Miguel Almeida.



Fig. 51: Campanha de escavação de 2022 frente à rocha 9 do Fariseu. Foto de Thierry Aubry.



Fig. 52: Remontagens de alguns dos blocos gravados no Museu do Côa. Foto de Thierry Aubry.



Fig. 53: Ao lado da rocha gravada, tentativa de remontar centenas de fragmentos encontrados durante a escavação. Foto de Thierry Aubry.



Fig. 54: Documentação por decalque direto de algumas das gravuras da rocha 9. Foto de Thierry Aubry.

estabelecer quando e como se fraturou.

Esta campanha de escavação revelou a existência de camadas mais antigas que as evidenciadas em 2020 e 2021. A camada 6, sobre o afloramento, forneceu vestígios de pedra lascada em quartzo local e a 5, ainda não datada, pode constituir o solo contemporâneo da gravação do painel. A descoberta de fragmentos de pigmento mineral de cor vermelha e de pequenos seixos de quartzo, com estigmas de impactos são al-

guns dos argumentos que parecem relacionar a realização de gravuras com este nível de ocupação.

19. Ainda mais longe

O artefacto descoberto em 1996, durante as prospeções efetuadas na superfície do terraço fluvial da Quinta do Vale Meão, onde se produziu o vinho Barca Velha até o início dos anos 2000, é uma peça de secção triangular obtida por várias sequências de levantamentos e apresenta hoje uma superfície patinada, parcialmente coberta de concreções calcárias. Apesar de não poder ser atribuído a uma das camadas que constituem o subsolo do sítio, a técnica utilizada, o grau de alteração da peça e a comparação com objetos encontrados em contextos datados de sítios da bacia do Douro permitem pensar que a presença humana na região é muito mais antiga que os primeiros níveis de ocupação pelo Homem de Neandertal, datados de cerca de 150 000 anos, na Cardina – Salto do Boi. A demonstração da existência de vestígios que testemunham os primeiros povoaamentos humanos da Península ibérica, atestados desde 1,5 milhões de anos na Serra de Atapuerca, perto de Burgos, no limite setentrional da Meseta, ainda está para ser estabe-



Fig. 55: Ferramenta afeiçãoado a partir de um seixo de quartzito descoberto no terraço fluvial da quinta do Vale Meão. Foto de Fernando Barbosa.

lecida nesta região da bacia do Douro. À semelhança das diligências implementadas para encontrar vestígios da presença do Homem de Neandertal, a tarefa de identificar os sítios onde a presença humana é muito mais antiga, é tanto mais difícil quando se recua no tempo. Passará pela identificação de contextos geomorfológicos suscetíveis de preservar os sedimentos coevos dos raros vestígios já conhecidos, fabricados e abandonados por estes pequenos grupos humanos que viveram no ocidente da Europa.

Ficha Técnica

TÍTULO

Por este rio acima: A arte pré e proto-histórica do Vale do Côa. Estudos em homenagem a António Fernando Barbosa;

COORDENAÇÃO

Dalila Correia
André Santos

AUTORES

Thierry Aubry, André Tomás Santos, Patrícia Ramos, Mário Reis, Lara Bacelar Alves, Luís Luís, Miguel Almeida, Sílvia Aires, Nuno Ramos, André Ferreira, Marcelo Silvestre, Aida Carvalho, João Zilhão.

LOCAL DE EDIÇÃO

Vila Nova de Foz Côa

EDITOR

Côa Parque, Fundação para a Salvaguarda e Valorização do Vale do Côa

COMPOSIÇÃO GRÁFICA

Ricardo Castro/O Homem do Saco

IMPRESSÃO

Diário do Porto

ISBN 978-972-98121-9-4

